

Conferência

José Castro Caldas: “Se for para termos o mesmo FMI que visitou a Grécia e a Irlanda, não obrigado”

01.02.2011 - 15:05 Por Ana Rita Faria

20 de 34 notícias em Economia « anterior seguinte »

Para o economista José Castro Caldas, Portugal não deve recorrer a uma ajuda internacional nas mesmas condições que a Grécia e a Irlanda. Caso contrário, arrisque-se a “ir ao fundo com o Fundo”.



FMI aplica sempre as mesmas receitas, critica José Castro Caldas (REUTERS/Bogdan Cristel)

0 1

[Tweet](#) [Share](#)

1639 leitores
6 comentários

FUNCIONALIDADES

- A- Diminuir A+ Aumentar
- Comentar Imprimir
- Enviar Corrigir
- Feedback Partilhar

ARTIGOS RELACIONADOS

FMI nunca "comeu criancinhas ao pequeno-almoço", diz Jacinto Nunes

“Apoio internacional pode moderar ajustamento”, diz Teresa Ter-Minassian

“Não é correcto” que a Comissão integre Portugal no grupo dos “leprosos orçamentais”, critica Miguel Moura e Silva

“Se for para termos o mesmo FMI que visitou a Grécia e a Irlanda, não obrigado!”, afirmou hoje José Castro Caldas, durante a conferência “Portugal 2011: Vir o Fundo ou ir ao fundo?”, que está a decorrer na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

O investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra admite que o recurso ao Fundo Monetário Internacional (FMI) é normal, desde que “as condições que imponha não sejam tão dramáticas que nos faça ir ao fundo com ele”.

Quanto à possibilidade de recorreremos a um novo mecanismo de ajuda europeu, mais flexível, que está em negociação em Bruxelas, José Castro Caldas considera que a situação teria de ser analisada.

Para o investigador, a receita que o FMI tem vindo a aplicar à Grécia e à Irlanda é uma clonagem da política cambial que seguiu em intervenções anteriores e pode não ser suficiente para evitar uma reestruturação da dívida.

“O FMI tem tendência a adoptar sempre o mesmo receituário, sem grandes diferenças, pelo que, num momento em que não existem políticas cambiais, o fundo tenta clonar a política cambial por outros meios”, afirmou.

Como não pode mais recorrer à desvalorização da moeda, como fez em intervenções anteriores (inclusive em Portugal, nos anos 80), o FMI procede a uma “deflação salarial”, através do corte das remunerações na função pública. “Isso permite clonar o efeito de uma desvalorização cambial para recuperar a competitividade e reequilibrar a balança corrente”, salienta o investigador do CES.

O problema, destaca José Castro Caldas, é que este tipo de terapia faz sentido quando é aplicado a um só país no conjunto de uma zona económica em que existe crescimento. Mas quando é aplicada por vários países dentro da mesma zona económica, pode gerar um efeito recessivo, alerta o economista.

O investigador considera que Bruxelas já se apercebeu que esta “consolidação a passo de

“...a possibilidade de uma corrida pode produzir uma estagnação ou recessão e conseqüente incapacidade para controlar o déficit e a dívida”, daí as negociações para flexibilizar o fundo europeu de estabilização financeira.

Asituação é particularmente preocupante no caso da Grécia, onde a possibilidade de insolvência obriga a que se pondere um cenário de reestruturação da dívida, defende o economista.

